

LITERATURA, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO.

Rosane de Bastos Pereira – Mestre pela Faculdade de Educação da Unicamp/FE
Pedro da Cunha Pinto Neto – Orientador

Esta pesquisa acompanha e analisa a trajetória do personagem Visconde de Sabugosa na obra de José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) como representação do homem de ciência. Tomam-se como referências os 22 títulos da obra Sítio do Picapau Amarelo, escritos e publicados entre 1920 e 1944, que integram a coleção das Obras Completas de Monteiro Lobato – 2ª série, publicada em 1957 pela Editora Brasiliense. Os livros foram editados em 17 volumes, alguns com títulos únicos e outros condensados numa mesma publicação.

Ler a obra lobatiana, que soma quatro mil, seiscentas e oitenta e oito páginas, tornou-se necessário porque permite acompanhar as aparições do Visconde, sua construção e as passagens que evidenciam a presença do saber científico. Os personagens, em sua maioria, exalam ciência. E cabe ao sabugo ensinar às crianças do Sítio por meio de sua sabedoria, adquirida com os livros e com suas experiências científicas.

A humanidade acompanhava os efeitos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) quando Lobato – autor, editor e tradutor – publicou parte de sua obra. De suas mãos saiu uma das mais completas obras infantis brasileiras, que nasceu com *A Menina do Narizinho Arrebitado*, publicada pela primeira vez, em 1920, em edição pela *Revista do Brasil*, antes pertencente ao jornal *O Estado de São Paulo*, onde trabalhou como colaborador e a adquiriu em 1918 para iniciar o seu trabalho de editor. *Narizinho Arrebitado*, de 1921, foi publicado pela sua editora Monteiro Lobato & Cia, que faliu com a Revolução de 1924.

Lobato também tinha escrito e editado outros títulos, entre eles *O Saci*, *A Caçada da Onça*, *Fábulas*, *Hans Staden*, no ano em que foi para os Estados Unidos, em 1927, e *Peter Pan*, publicado no período em que estava fora do País. A ida de Lobato para o exterior, como adido comercial em Nova Iorque, a convite do governo brasileiro de Washington Luís, parece ter mudado sua concepção de mundo. Ele voltou ao Brasil em 1931, depois de ter perdido dinheiro em aplicações com o *crash* da bolsa, em 1929. Nesse período teve que abrir mão de sua parte na Cia. Editora Nacional.

Seu retorno ao Brasil redefiniu sua trajetória literária e a fase que vai de 1930 a 1940 é considerada a mais frutífera da produção lobatiana, com uma intensa participação na vida editorial, política e literária, especialmente como tradutor. A essência da saga do Picapau Amarelo retoma sua vida com a publicação de *Reinações de Narizinho*, em 1931, pela Cia. Editora Nacional, em que o autor reuniu num só livro todas as histórias publicadas entre 1920 e 1930. O autor tornou-se amigo do educador Anísio Teixeira (1900-1971), um dos idealizadores do movimento da Escola Nova na década de 1930, que contou com a simpatia de outros escritores, entre eles a poeta e educadora Cecília Meireles (1901-1964).

A análise da trajetória do personagem Visconde de Sabugosa, presente na maioria dos livros, revela que o autor elabora suas histórias permeadas de fatos científicos, de saberes práticos e teóricos, de diálogos, situações e ambientes em

que tal personagem e os demais se inserem. Uma especificidade da obra de Lobato é que os títulos produzidos entre 1933 e 1937 trazem conteúdos de Língua Portuguesa, a exemplo de *Emília no País da Gramática*; de Matemática, como vemos em *Aritmética da Emília*; de História, em *História do Mundo para as Crianças*, e *História das Invenções*, que narra as descobertas humanas; de Geografia, em *Geografia de Dona Benta*; de Física e Astronomia, o que pode ser visto em *Serões de Dona Benta*; de Geologia, como aparece no *Poço do Visconde*; e novamente Astronomia, em *Viagem ao Céu*.

O Visconde de Sabugosa está presente na maioria das histórias e a investigação desse personagem revela suas variadas facetas, bem como o movimento da ciência no Sítio do Picapau Amarelo. À medida que a obra é estudada, é possível estabelecer relações entre as várias concepções científicas do autor e a construção do personagem, reflexos do contexto histórico na criação literária lobatiana.

Esse heróico personagem lobatiano *nasceu* em meio aos livros e morava num vão de armário na sala de jantar do Sítio do Picapau Amarelo. As paredes da casa eram formadas por dois grossos volumes do *Dicionário Moraes*¹. A obra *O Banquete*², “escrito por um tal Platão que viveu antigamente na Grécia e devia ter sido um guloso”, era a mesa do sabugo de milho. A *Enciclopédia do Riso e da Galhofa*, “livro muito antigo e danado para dar sono”, e que Lobato lera na juventude³, tornou-se a cama do Visconde.

Os demais “móveis”, ou seja, cadeiras, estantes e armários, eram formados por livros de capa de couro⁴ herdados de um tio de Dona Benta. O sabugo só mudou de casa depois que passou uma semana inteira atrás da estante, ficou embolorado e, como soltava um pó verde, começou a dormir numa lata, como revela o autor em *Reinações de Narizinho*. “Era naquela casinha que o Visconde passava a maior parte do tempo, lendo, lendo que não acabava mais – e tanto leu que empanturrou” (LOBATO, 1957a, p. 229).

¹ Antônio de Moraes Silva, brasileiro, estudou Direito em Coimbra, antes da Independência do Brasil. Decidiu criar um dicionário menor que o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de autoria do padre inglês Rafael Bluteau (1638-1734) – obra com oito volumes e vários provérbios, que foi reformada e modificada. Lançada a segunda edição, a obra recebeu o seu nome – *Dicionário Moraes* – e se tornou conhecida.

² Um dos livros mais conhecidos do filósofo grego (428-347 a. C.), *O Banquete* traz diálogos sobre o amor.

³ “Essa ‘Enciclopédia do Riso e da Galhofa’, de autoria de Pafúncio Semicúpio Pechincha, era um livro que lhe caíra às mãos, não se lembrava como, e que vivia lendo e relendo, a princípio se divertindo, mas depois se irritando com a mediocridade das piadas e chistes. Bem mais tarde dirá de Sousa Pontes, o personagem de ‘O Engraçado Arrependido’: ‘Sabia de cor a ‘Enciclopédia do Riso e Galhofa’, de Fuão Pechincha, a criatura mais dessaborida que Deus plantou no mundo...’” (CAVALHEIRO, 1955, p. 40-41).

⁴ Os livros de capa de couro denotam uma certa característica de uma época, de um saber mais aprimorado ou mais valorizado. Na história da encadernação, eles surgem já no Império Bizantino, nos séculos IV e V. Naquele período encontravam-se as capas que eram cobertas por materiais luxuosos, como couro, seda e brocados e até metais preciosos. O livro carregava um valor simbólico que ia além da sua leitura propriamente dita. Com o surgimento da indústria cultural e a produção do livro em série, no final do século 20, as encadernações de luxo desapareceram. Os de Dona Benta, herdados de um tio dela, como cita Lobato, faziam parte de um período antigo. A personagem foi criada na década de 20 e o tio dela vivera no século 19.

Fruto de uma brincadeira de Narizinho e Pedrinho, que desejavam casar a boneca Emília, o Visconde de Sabugosa se tornou um personagem com diversas facetas. Ele nasce em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1920, para fingir-se de pai do Marquês de Rabicó. Era considerado um fidalgo muito distinto. Ele era viúvo e sua mãe, Dona Palha de Milho, faleceu num “horrível desastre”, comida pela vaca mocha. O sábio desengonçado, que “muda de gênio” ao cair atrás da estante de Dona Benta, onde ficou esquecido por três semanas, quando “embolorou e deu para sábio”, tem seu destino alterado em virtude da proximidade com os livros. “Parece que os livros pegaram ciência nêle. Fala difícilimo! É só física praqui, química prali...” (LOBATO, 1957a, p. 105).

Na viagem ao Reino-das-Águas-Claras, o sabugo demonstra seus primeiros interesses pela ciência, quando interroga uma sardinha que passava pela sua frente⁵, no momento em que atendia a uma de suas primeiras obrigações impostas pelas crianças. Pelo fato de ser “consertável”, era encarregado de missões de toda natureza, por isso morria e era refeito por tia Nastácia.

Visconde de Sabugosa reaparece em *Fábulas*, seu gosto pela ciência aumenta e toma caminhos diversos. Em *Peter Pan*, o “velho sábio” se dedicava a estudar Matemática e passou a fazer tudo com “precisão matemática”, como numa passagem em que Dona Benta marcou para sete horas o horário de começar a contar a história daquela noite. “Quando bateu sete horas êle entrou, em sete passadas, cada uma correspondendo a uma pancada do relógio” (LOBATO, 1957e, p. 151).

Como Narizinho o embrulhou num velho fascículo das *Aventuras de Sherlock Holmes*, em *Reinações de Narizinho*, parece que isso influenciou o sábio de tal maneira que ele foi o responsável por descobrir, em *Peter Pan*, quem roubava a sombra de tia Nastácia. O sabugo “andava deduzindo” os fatos, mas não tinha ainda pistas definitivas. Incansável, porém, ele desmascarou o raptor da sombra, que era ninguém menos do que Emília. Sua condição de sábio lhe trouxe bons e maus momentos. Ele sofreu acidentes, empanturrou-se com a leitura da Álgebra, foi operado e salvou-se. Sua ânsia pelo conhecimento fez dele o professor dedicado em *Aritmética da Emília* e seus estudos de Geologia permitiram que fosse perfurado o primeiro poço de petróleo do Brasil, em *O Poço do Visconde*. Em *Os 12 Trabalhos de Hércules*, última obra de Lobato, o sabugo aparece como a concretização do saber científico.

⁵ Ia a sardinha dando uma rabanada para partir, quando o Visconde a segurou pela caudinha.

__ Senhorita, poderá acaso dizer-me qual é o seu nome científico?

Não sendo uma sardinha culta, julgou ela que o Visconde estivesse caçoando e ofendeu-se.

__ Malcriado! Não se enxerga? __ retrucou botando-lhe a língua.

E lá se foi em direção ao palácio, tôda empinadinha para trás, a resmungar contra o “estafermo”. O Visconde, muito desapontado, ficou a refletir consigo que era uma pena serem totalmente analfabetos os habitantes daquele reino (LOBATO, 1957a, pág. 113).

⁵ Mantenho a escrita original de Lobato, que escreve “tia” e “tio” com minúscula.

⁵ Quanto ao Visconde, estava, por ordem de Pedrinho, trepado à gávea do mastro grande para dar aviso logo que avistasse as tropas do Príncipe. Mas foi coisa que nada adiantou. O Visconde era um verdadeiro sábio e os sábios são muito distraídos. Logo que chegou ao alto do mastro, distraiu-se com uma baratinha do mar que andava por ali, ficando a parafusar que nome científico poderia ela ter. Por isso não viu a chegada dos couraceiros, nem pôde dar aviso (LOBATO, 1957a, p. 116).

O Visconde que cai na água e fica encharcado, embolora, que é espremido no torno para ser consertado, enfrenta vários obstáculos, resiste a tudo, enlouquece em *Os 12 Trabalhos de Hércules*, volta ao normal e continua com sua sabedoria. É o sabugo que toma vida e vai até o final como representação do saber. Ele é o sábio reumático, que estuda latim, tem dificuldade para se locomover em algumas situações e possui como marca registrada a tossezinha para limpar o pigarro antes de dar uma explicação. Com suas várias facetas, o personagem, um amante dos livros, sobrevive com galhardia.

Sabugo de milho que se transformou no sábio do Sítio, depois de morrer e renascer várias vezes, é do Visconde que vem sempre a última palavra, como exemplo de alguém que detém o conhecimento, por isso, é chamado para esclarecer dúvidas e solucionar problemas. Emília se beneficia dos estudos e descobertas do Visconde nem sempre de uma maneira honesta. Em *A Chave do Tamanho*, ela decide que vai resolver os problemas do mundo ao ver a tristeza de Dona Benta com os bombardeios a Londres durante a Segunda Guerra Mundial, que o pessoal no Sítio acompanhava pelos jornais impressos. Este livro foi escrito por Lobato num período de guerra e a situação mundial parece ter gerado frustração no autor, que andava insatisfeito com o rumo que o homem tomava.

Nas primeiras páginas de *A Chave do Tamanho*, Lobato demonstra que, independente do rumo que o mundo seguia, o sabugo científico continuava com suas pesquisas. Visconde era um homem alerta ao que se passava no Sítio e no planeta e, portanto, não vivia isolado. Pressupõe-se que suas idéias não se cansavam e ele vivia a inventar novas coisas para fazer. Ao representar o homem de ciência no Sítio, tem-se a impressão de que havia um movimento constante na obra e nas histórias. De maneira misteriosa e às escondidas, o sabugo criava. O porta-voz da ciência carregava um ar de distinção, como se a ciência fosse para poucos, para homens especiais.

A fala de Emília deixa transparecer indícios do que se considerava um homem de ciência naquele período ou de como Lobato representava esse homem na sua literatura. E é bom ressaltar que o autor, por ser um homem, criou um personagem masculino para ser a personificação do conhecimento científico. A personagem feminina é um reflexo da mulher daquele período, que tinha pouca voz e vivia numa situação inferior à masculina. Emília subverte esse papel, pois é divorciada, corajosa, ousada, mas não é uma mulher de verdade. É uma boneca, pequena, que virou gente com o passar do tempo mas guarda características de boneca o tempo todo.

Dona Benta é inteligente, a portadora da sabedoria que vem dos livros, ensina em laboratório, mas não tem as respostas todas como o Visconde. Narzinho é apática na obra, aparece pouco, e tia Nastácia é a negra velha, a cozinheira tratada em segundo plano pela cor e pela falta de cultura. Havia uma hierarquia não só de idades dos personagens do Sítio, bem como por outras razões culturais e raciais excludentes. O Visconde, apesar de toda a sua importância, em certos momentos é descartável e tratado com deboche. A ciência que dignifica a vida no Sítio e torna aquelas pessoas mais destacadas do que outras é a mesma ciência que embota o “pobre” do Visconde – sua sina é sua própria condenação.

Apelidado de “A Fênix do Sítio” em *Os 12 Trabalhos de Hércules*, parece mesmo que o sabugo está mais para um Sísifo obrigado a olhar de frente para a modernidade que despontava naquele período. O porta-voz da ciência, reduzido a um sabugo de milho que morria e reaparecia, talvez fosse mais um recurso literário de Lobato, utilizado por outros autores, como o jornalista e escritor escocês James Matthew Barrie (1860-1937), criador do Capitão Gancho em *Peter Pan*, personagem que voltava para amedrontar quando se imaginava que estivesse morto.

Seja como for, havia no sabugo de milho os elementos do que poderia ser a representação do homem de ciência. Mas o saber não é atributo apenas do Visconde e também aparece na fala dos demais personagens do Sítio e, em cada aparição, percebe-se que a riqueza de sua expressão cresce com o evoluir da obra. Quando foi criada, em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, Emília era uma boneca muda, cética quanto ao conhecimento, mas no decorrer das histórias passa a falar – depois de engolir a pílula falante – e se torna irreverente e interessada nas questões da ciência, tanto que diante de dúvidas recorre ao Visconde na maior parte das vezes.

A boneca que virou gente entra no aspecto da ciência quando fala de Dona Benta e revela como o conhecimento científico se propagava pelo Sítio, como se vê em *Memórias da Emília*⁶. É ela quem quer reformar o mundo em *A Reforma da Natureza* e com a participação do Visconde interfere na estrutura do reino animal. As conversas entre os personagens privilegiam o aprender coisas novas, fazer novas descobertas. O neto Pedrinho se deleitava com as “isquinhas de ciência” que assimilava ao acompanhar as histórias e, de tanto ouvir a avó falar do francês Flammarion, ficou interessado em construir um telescópio. Graças a isso, salvou o Dr. Livingstone, ou Visconde, de ficar eternamente perdido no espaço.

__ Não sei se poderão salvar o Dr. Livingstone __ observou São Jorge. Se êle foi projetado da Lua pela força do tal pó maravilhoso, o mais certo é estar transformado em satélite da Lua.

__ Já pensei nisso __ tornou Pedrinho apreensivo. Vovó diz que a fôrça de atração dos astros puxa todos os corpos para o centro dêles. Quando a gente joga para o ar uma laranja, a laranja sobe até certa altura e depois volta. Que é que a faz voltar? Justamente a fôrça de atração que puxa todos os corpos para o centro dêles. Enquanto a fôrça que jogou a laranja é maior que a fôrça de atração que puxa a laranja, a laranja sobe; quando a fôrça de atração se torna maior, a laranja cai.

São Jorge admirou-se dos conhecimentos de mecânica daquele menino.

__ O pó de pirlimpimpim que o Visconde cheirou __ prosseguiu Pedrinho, era muito pouco, não dava nem para levá-lo até à Terra. E como êle não caiu de novo sôbre a Lua e não podia ter chegado à Terra, o certo é estar parado na zona em que a fôrça de atração da Terra empata com a fôrça de atração da Lua __ e nesse caso não sobe nem desce. Fica tôda vida girando em redor da Lua como um satélite. Acho que foi o que sucedeu __ concluiu Pedrinho com a maior gravidade (LOBATO, 1957f, p. 69-70).

⁶ Tenho de dizer umas palavras sôbre esta senhora. Dona Benta é uma criatura boa até ali. Só isso de me aturar, quanto não vale? O que mais gosto nela é o seu modo de ensinar, de explicar qualquer coisa. Fica tudo claro como água. E como sabe coisas a diaba! De tanto ler aqueles livros lá do quarto, ficou que até brincando bate o Visconde em ciência (LOBATO, 1957n, p. 144 – 145).

Na lista dos livros de Lobato também estão, a partir de 1937, *O Picapau Amarelo*, *O Minotauro*, *A Reforma da Natureza*, *A Chave do Tamanho* e *Os 12 Trabalhos de Hércules*. Do encontro com Anísio Teixeira brotaram projetos e intenções maiores do que se concretizaram na prática. Com a análise dos livros percebe-se que o mundo real representado pela literatura lobatiana e sua influência no imaginário do autor podem não ser tão óbvios e fáceis de serem comprovados, mas dificilmente deixam de estar enleados pelas circunstâncias, ideologias e pela própria forma como o autor via o mundo. “É preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos” (CHARTIER, 1991, p. 178).

Lobato recebeu críticas por expor o negro em sua obra como um ser inferior, embora os personagens como tia Nastácia, tio Barnabé e o Saci-Pererê reflitam, na época em que foram criados, as discrepâncias de um Brasil que em pleno século 21 ainda não conseguiu resolvê-las.

Os lugares ocupados pelo discurso científico mudam de posição e não estão centrados apenas no sabugo de milho. Iniciam-se pela voz de Dona Benta, a avó portadora do saber, e se disseminam pelos demais personagens, com exceção do Visconde, que desde o seu nascimento não desgruda dos livros.

Nos destinos descritos pelos romances, a ciência compõe a vida, define lugares e ações, constitui-se em objeto do desejo. Em cada obra a relação personagem-ciência tem suas particularidades, muito embora o conjunto apresente elementos comuns. A ciência se revelará nas histórias de vida dos personagens; pois pode estar presente no cotidiano, fazer parte dos processos de formação, estar incorporada em práticas e discursos (PINTO NETO, 2001, p. 165).

De *A Menina do Narizinho Arrebitado* a *Peter Pan*, as histórias que se passam no Sítio do Picapau Amarelo são mais tranquilas e a maioria dos personagens se contenta com ouvir o que conta Dona Benta e a fazer alguns passeios, como a viagem ao céu. No mais, eles estão afeitos à rotina do Sítio, viajam, em *Reinações de Narizinho*, ao Reino-das-Águas-Claras, que ficava no fundo do ribeirão que corria pelo Sítio, e recebem a visita de personagens das fábulas. A partir da década de 1930, os livros trazem mais movimento, as crianças estão mais dinâmicas, curiosas e arteiras. Elas crescem com a obra.

História do Mundo para as Crianças, por exemplo, é uma obra de 1933 que inaugura o projeto de livros para a escola e cujo conteúdo é de História, baseada no livro do autor norte-americano V. M. Hillyer, diretor da Calvert School, de Baltimore, nos Estados Unidos. O título original é *Child's History of the World*, traduzido literalmente. Dona Benta, que “era uma senhora de muita leitura” e dispunha de uma biblioteca com centenas de volumes, recebia, segundo Lobato, de um livreiro da capital, as novidades, como é o caso deste livro em inglês. Dona Benta *conta* às crianças toda a história da humanidade, as invenções do homem até a data em que o livro foi publicado.

O autor enfatiza, em *História das Invenções*, os benefícios das invenções de que dispunham naquele momento e que tornavam a vida melhor e evidenciam, na obra, os avanços nas cidades, entre eles a iluminação das casas, das ruas e das estradas de rodagem, o cinema, os correios, a bateadeira de ovos, a máquina de costura, a pena, a tinta e o papel, a *Enciclopédia Britânica*, os livros, a máquina fotográfica de Pedrinho, entre outros. Entre outros mesmo, pois o Visconde e a Emília são classificados como invenções, como se fossem coisas.

Os conteúdos de Física e Astronomia, por exemplo, estão presentes nos *Serões de Dona Benta*. As crianças aprendem sobre ar, água, matéria, máquinas, calor, fogo, tempo, clima, sistema solar, solo, entre outras coisas. Dona Benta tinha montado um laboratório no antigo quarto de hóspedes. “Tinha lá uma porção de frascos de drogas, e tubos de vidro, e cubas, e lamparinas de álcool. Um perfeito gabinete científico de amador” (LOBATO, 1957q, p. 18), onde a avó explicava as coisas do mundo. E da ciência.

Serões de Dona Benta e *O Poço do Visconde*, obras que encerram, em 1937, o projeto de Lobato de livros para as escolas, confirmam a tentativa do autor de desobscurecer o conhecimento científico para os leitores por meio de seus textos. Nos costumeiros serões, que aconteciam à noite com horário marcado, a avó do Sítio do Picapau Amarelo suavizava as “comichões científicas” das crianças com aulas de Física e Astronomia, matérias que integravam o currículo das escolas.

Há indícios, durante a leitura da obra lobatiana, de que o autor tinha uma preocupação constante com a aquisição de informação, de conhecimento e com o desenvolvimento do senso crítico pelos personagens. Lobato expõe, em diálogos, a relação da ciência nacional com a estrangeira. *O Poço do Visconde*, por exemplo, reflete o desejo de Lobato de que o governo brasileiro investisse no que o autor considerava um filão – o petróleo nacional.

Cabe ao Visconde de Sabugosa, a partir de seus estudos de Geologia e dos seus conhecimentos científicos adquiridos ao longo da vida, descobrir como se perfura poços no Sítio. Sua inteligência e astúcia, respaldadas pelo acompanhamento de técnicos internacionais e das bisbilhotices das crianças do Sítio, resultaram na perfuração dos Caraminguás, nomes dados aos poços que tornaram Dona Benta rica e fizeram do Sítio um lugar invejado pela gente ao redor do mundo.

De meros ouvintes das histórias contadas por Dona Benta, alguns dos personagens começam a ler livros, jornais, a exemplo de Pedrinho, e adquirem hábitos, influenciados por essas leituras. As alternâncias entre fatos e situações curiosos revelam que o enredo dos livros infantis de Lobato é complexo, com uma multiplicidade de histórias que traduzem a ciência para o leitor que é, de certa forma, partícipe dos acontecimentos e aprende com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo. A ciência se metamorfoseia e as situações se dão de tal maneira que nos levam a ver as idéias como camaleões, que se disfarçam até nos apresentar um dado sentido.

A leitura da obra completa oferece um rico arsenal de exemplos de como o saber é expresso por meio do Visconde e dos demais personagens. Não é uma tarefa fácil, porque não é o caso de olhar para um diálogo e simplesmente analisar se o autor quis dizer isto ou aquilo. É mergulhar em águas profundas, em busca

de algo que nos clareie a compreensão do oceano inteiro. E é por meio de indícios que sigo esse caminho, identifico as pistas, uma estratégia empregada na pesquisa para evidenciar os momentos em que o conhecimento científico se expressa de maneira mais clara, como em um dos trechos em que a ciência do Visconde é dedutiva, quando ele acaba com a farsa do gato falso que aparece no Sítio.

Aquela ciência do Visconde, que nascera do seu contato com os livros, seguia caminhos os mais diversos. O seu gosto pela leitura permitiu-lhe assumir a postura de sábio logo que nasceu, tanto que a evolução das histórias o caracteriza como sábio e professor. Os livros que compõem a fase intermediária da obra lobatiana apresentam o personagem como um ser mais ativo, mais dinâmico do que antes, um cientista que faz pesquisas e experimentos, o que persiste na fase seguinte.

A iniciativa de Lobato de investir na produção de livros que complementassem os livros didáticos utilizados nas escolas das primeiras décadas do século 20 marcou um período em que o sistema literário buscava se afirmar, num Brasil que dava os primeiros passos rumo a uma literatura nacional de melhor qualidade. O autor estimulava a entrada do leitor naquele mundo fictício, para que ele se sentisse como um dos integrantes das histórias. Mais um pouco e o leitor estaria lá dentro do Sítio do Picapau Amarelo, a comer os bolinhos de tia Nastácia e, por que não, a ajudar Emília nas suas invenções amalucadas. “Multiplicam-se assim passagens nas quais Lobato cifra questões de leitura, a partir de situações de leitura vividas pelas personagens-leitores, e que podem contagiar os leitores-leitores” (LAJOLO, 1994, p. 100-101).

É importante destacar que Lobato criou parte de sua obra sob influência dos idealizadores do movimento da Escola Nova e de sua amizade com um dos expoentes, Anísio Teixeira. Para eles, a ciência deveria criar condições mais promissoras para a sociedade e fazer emergir o que é “natural” no homem do século 20, que assume o lugar de Deus e a quem cabem todas as explicações.

Lobato via no livro um caminho a ser percorrido para alcançar o leitor. Não era ingênuo, pois estava claro que o livro era uma mercadoria e, ao observar a obra lobatiana, percebe-se que o autor não tinha um projeto elaborado para a produção dos 22 volumes de O Sítio do Picapau Amarelo. Os livros foram escritos como se cada um tivesse vida própria, o que leva a crer que os títulos eram publicados de acordo com os projetos momentâneos do escritor.

No livro está a representação de mundo do autor, que reflete os conflitos da época e as condições em que a sociedade vivia. A riqueza de diálogos encontrada na obra lobatiana evidencia os momentos em que a ciência aparece de diferentes formas. E, ao entrar em contato com as histórias vividas pelos personagens do Sítio do Picapau Amarelo em contextos os mais diversos, não restam dúvidas de que mergulhar nesse universo é conhecer uma das mais ricas obras literárias nacionais, em que os livros não são meros papéis a serem manuseados, fechados e esquecidos após o fim da leitura. São histórias que nos convidam a ir mais além, mais para dentro de nós mesmos, um convite para que imerjamos no nosso próprio mundo das fantasias.

BIBLIOGRAFIA

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato – vida e obra**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 5, n. 11, p. 173-191, abril de 1991.

GANDINI, Raquel Pereira Chainho. **Tecnocracia, capitalismo e educação em Anísio Teixeira**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas (SP), 1979.

LAJOLO, Marisa Philbert. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática (Série educação em Ação), 1994.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1957a.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Peter Pan**. São Paulo: Brasiliense, 1957e.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Viagem ao céu**. São Paulo: Brasiliense, 1957f.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Memórias da Emília e Peter Pan**. São Paulo: Brasiliense, 1957n.

LOBATO, José Bento Monteiro. **Serões de Dona Benta e História das invenções**. São Paulo: Brasiliense, 1957q.

PINTO NETO, Pedro da Cunha. **Ciência, literatura e civilidade**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas (SP), 2001.